

## SÓCIO-PRAGMÁTICA DA DISSERTAÇÃO BREVE

Marcos GOLDNADEL

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Resumo:** Apesar do investimento permanente da escola na prática de redação de textos dissertativos, os resultados obtidos em aula, na maioria das vezes, continuam frustrando as expectativas dos professores. Gênero temido pelos alunos, a dissertação parece oferecer dificuldades adicionais em relação aos demais gêneros trabalhados na escola. Este artigo aborda a dissertação escolar levando em consideração suas condições de produção e as características formais que a diferenciam dos demais gêneros na perspectiva da Teoria da Relevância. O objetivo é desenvolver uma reflexão que possa contribuir para as práticas adotadas no ensino de língua materna.

### 1 INTRODUÇÃO

Em meio à imensa quantidade de gêneros discursivos reconhecidos pela literatura especializada, a dissertação escolar tem sido o gênero escolhido pela maioria das universidades brasileiras para figurar nos concursos vestibulares. Essa escolha, que pode ser justificada com base em argumentos razoáveis, tem consequências bastante significativas para o ensino de língua materna nas escolas. Por um lado, a maior parte dos alunos experimenta a angústia de perceber que, mesmo depois do aprendizado formal e da prática continuada do gênero, permanece bastante abaixo das expectativas de seus professores e, em última instância, abaixo do que se esperaria para a obtenção de uma boa nota no concurso vestibular; por outro, os próprios professores experimentam uma sensação de impotência diante dos resultados percebidos.

Há pelo menos duas formas de explicar o insucesso do ensino do gênero dissertativo na escola. Uma primeira explicação leva em consideração o insucesso generalizado da escola em promover o desenvolvimento de habilidades comunicativas em texto escrito. Nessa perspectiva, a dissertação é apenas mais um entre os diversos gêneros cuja redação a escola se revela incapaz de aprimorar. As causas do problema são conhecidas, vão desde condições de trabalho do magistério até concepções anacrônicas, mas teimosamente arraigadas, sobre o ensino de língua materna. Vale ressaltar, nesse sentido, a idéia equivocada de que o ensino de redação se encerra em um ciclo composto pela análise formal (conhecimento declarativo sobre os gêneros discursivos) e pelo treino descontextualizado. Felizmente, muito do que se tem produzido em Linguística Aplicada aponta para uma nova direção no ensino, valorizando a utilização dos diversos gêneros discursivos e recomendando o dinamismo das práticas fundadas em uma perspectiva interacional da aprendizagem.

Uma segunda forma de explicar o insucesso no ensino de dissertação na escola é aquela que aponta para o fato de que os próprios professores não compreendem plenamente as características do gênero que mais costumam valorizar ao longo da vida escolar – pelo menos no ensino médio. Nos termos deste artigo, falta à maioria dos professores uma compreensão da sócio-pragmática da dissertação, ou seja, da relação que se estabelece entre as condições de produção do texto dissertativo na escola e as características formais do gênero. Sem essa compreensão, dificilmente o professor pode expressar com clareza as expectativas que se estabelecem em relação ao texto dissertativo, situação que reforça, para o aluno, a aura de mistério que envolve a redação dos textos desse gênero.

Este artigo dedica-se a caracterizar a dissertação escolar a partir de um duplo movimento. No primeiro, aborda-se o gênero dissertativo e suas condições de produção; no segundo, analisa-se a constituição do texto dissertativo em seu aspecto formal – a partir do reconhecimento das condições de produção –, utilizando o referencial teórico da Teoria da Relevância. A seção 2 estabelece a distinção entre dois gêneros dissertativos: a dissertação

clássica e a dissertação breve. A seção 3 aborda as condições de produção da dissertação breve na prática escolar. A seção 4 aborda as características pragmáticas da dissertação breve, procurando identificar o que caracteriza o texto ótimo, tendo em vista as expectativas peculiares ao gênero.

## 2 DISSERTAÇÃO CLÁSSICA E DISSERTAÇÃO BREVE

Um primeiro aspecto a ser destacado é a flutuação na nomenclatura para designar o gênero dissertativo comumente redigido na escola. TRAVAGLIA (2007), em um extenso apanhado descritivo de tipos, gêneros e espécies textuais, quando fala dos gêneros que instanciam preferencialmente determinados tipos, ao elencar aqueles relacionados ao tipo dissertativo, faz referência à tese, à dissertação de mestrado, ao artigo acadêmico-científico, ao editorial de jornal, à monografia, à conferência, ao artigo de divulgação científica, mas, em momento algum, menciona a dissertação escolar. Em PAVANI, KÖCHE e BOFF (2006) e em FRANCO (2005), lê-se a expressão *redação de vestibular* para fazer referência à dissertação produzida na escola, inadequada, uma vez que algumas instituições solicitam a redação de outros gêneros em seus concursos vestibulares. GUARIGLIA (2004) usa a expressão *gênero dissertativo escolar*, que parece mais apropriada, dado que é tipicamente no ambiente escolar que se pratica a dissertação cobrada nos concursos vestibulares.

Na prática cotidiana, a expressão *dissertação* é usada indiscriminadamente para os textos produzidos na escola e para textos de extensão muito maior, como aqueles apresentados como requisito para a conclusão de cursos de mestrado. É geralmente o contexto que permite inferir a respeito de que gênero se está falando. Os dicionários de língua portuguesa, no entanto, reconhecem apenas um desses gêneros, como se pode depreender das definições apresentadas a seguir, do Dicionário Houaiss e do iDicionário Aulete, a versão on-line do dicionário Caldas Aulete<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Disponível na biblioteca do portal UOL.

dissertação s.f. 1 ato ou efeito de dissertar, exposição, redação 2 exposição escrita de assunto relevante nas áreas científica, artística, doutrinária, etc.; monografia 3 trabalho escrito feito por estudantes como exercício ou como prova, versando sobre algum ponto das matérias estudadas; exposição escrita 4 exposição oral; conferência discurso <ouvimos uma bela d. sobre a obra de Camões> 5 *P* em universidades portuguesas, monografia final em que os estudantes devem apresentar e defender para obterem o título universitário **d. de mestrado** nas universidades brasileiras, monografia final que o candidato ao título de mestre deve apresentar e defender, tese de mestrado. **d. inaugural** *P* monografia que os candidatos ao doutoramento apresentam à universidade, em Portugal (HOUAISS, 2001)

dissertação s.f. 1. Ação ou resultado de dissertar 2. Texto escrito em que se expõe um assunto (científico, artístico, conceitual, doutrinário etc.) de forma sistemática e abrangente 3. Exposição oral sobre um tema; discurso, preleção 4. Trabalho escrito que o mestrando deve apresentar e defender diante de banca competente para a obtenção do título de mestre

(iDicionário Aulete)

O que as definições permitem concluir é que a dissertação é um gênero destinado a desenvolver, de modo sistemático e abrangente, assuntos de grande relevância. Note-se ainda, na definição do dicionário Houaiss, a referência ao estudo prévio da matéria da dissertação.

Nada disso é característica das redações redigidas em nossas escolas atualmente. A dissertação escolar caracteriza-se por ser um gênero de curta extensão, normalmente redigido em pouco tempo, a partir de um estímulo recente. O resultado é um texto que aborda os temas propostos de modo necessariamente superficial – e não de modo sistemático e abrangente, como prevê uma das definições dos dicionários. A dissertação a que fazem referência os dicionários, portanto, não é o mesmo gênero dos textos redigidos na escola e nas seleções de ingresso nas universidades. Trata-se da velha dissertação, gênero que existia nas antigas escolas e liceus, e que ainda é praticado por alunos de pós-graduação, o que se poderia chamar de *dissertação clássica*. A diferença mais evidente entre o gênero praticado nas escolas

atualmente e a *dissertação clássica* (da qual derivam muitas outras) é a extensão, razão pela qual opto por nomeá-la como *dissertação breve*.

### 3 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA *DISSERTAÇÃO BREVE*

Para compreender melhor a dissertação breve, para conscientizar-se de suas características, daquilo que se espera do gênero, é fundamental observar as suas condições de produção. Considero as condições de produção de um texto os parâmetros estabelecidos em Travaglia (2007): quem produz, para quem, quando, onde (geralmente um quadro institucional), o suporte, o serviço. A esses parâmetros, acrescento a finalidade do texto, dado que o objetivo do autor ao redigir um texto é um condicionante de suas escolhas.

A dissertação breve é um gênero normalmente produzido pelo aluno (quem produz) na escola (onde), a partir de um estímulo apresentado “à queima roupa” (quando), para ser redigido em um curto espaço de tempo (quando) e para ser lido pelo professor (para quem).

Essas condições permitem predizer algumas das características mais elementares da *dissertação breve*. Diferentemente da *dissertação clássica*, que é produzida ao longo de um extenso período e a partir de um contato prévio prolongado com o tema, a *dissertação breve* costuma ser feita em menos de duas horas, a partir de um estímulo inédito para o redator. Esses dois limitadores só poderiam resultar em um gênero de extensão muito curta e de pouca profundidade argumentativa, como é a *dissertação breve*.

O destinatário da dissertação breve costuma ser, na prática, o professor ou o examinador de uma banca de concurso. Em última análise, nos dois casos, trata-se de um examinador, cuja tarefa é a de avaliar em que medida o autor do texto pode ser considerado um bom redator de dissertações.

É importante notar que, considerando essas condições de produção usuais da dissertação breve, o gênero se assemelha muito à prova, diferenciando-se desta no que diz respeito ao conhecimento prévio do conteúdo: enquanto a prova conta com estudo antecipado, a dissertação

aborda conteúdo novo para o redator. Percebe-se, portanto, que diferentemente da prova, que cobra domínio de conteúdo, a *dissertação breve* cobra domínio de forma. No entanto, *prova* e *dissertação breve* constituem gêneros escolares avaliativos.

Apenas essas considerações já permitem concluir que a dissertação breve é um gênero fundamentalmente distinto da grande maioria dos outros gêneros. Considerem-se, por exemplo, os demais gêneros dissertativos: editorial, artigo acadêmico, monografia, conferência, etc. Todos eles contam com um entorno pragmático mínimo: tema, destinatário e objetivo. Note-se que destinatário e objetivo, embora possam estar intimamente relacionados, são parâmetros distintos para o redator e podem variar a cada situação. Um texto pode ser redigido para distintos destinatários com o mesmo objetivo, e um só destinatário pode ser o “alvo” de textos com objetivos distintos. Cada parâmetro pode variar, conforme a situação, e orienta as escolhas textuais. Na dissertação breve, ao contrário, objetivo e destinatário são fundamentalmente os mesmos e, na prática, confundem-se. O destinatário é sempre um avaliador; o objetivo é sempre ser bem avaliado. Na verdade, o redator, sabendo que redige para um avaliador, pode apenas ter o objetivo de ser bem avaliado, constituindo o que se poderia considerar uma díade destinatário-objetivo na dissertação breve, normalmente sentida pelo aluno como uma confusa miragem avaliativa.

#### **4 CARACTERIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO BREVE EM UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA**

Dadas as condições de produção da *dissertação breve*, pode-se concluir que é um gênero de extensão muito curta, com pouco aprofundamento e redigido com vistas à avaliação da competência expressiva do produtor. Soma-se a isso o fato de que, tipicamente, as propostas de redação de dissertação breve caracterizam-se pela proposição de temas de grande magnitude: aquecimento global, utilização de células tronco, consumo de drogas. Há, portanto, na *dissertação breve*, um contraste gritante entre a exiguidade do

espaço dado ao redator e a magnitude das questões que, normalmente, lhe são propostas.

Todas essas considerações parecem conduzir à conclusão de que à exigência de produção de redações breves só possa seguir-se um produto de qualidade duvidosa. O que esperar de alguém que, diante de um tema grandioso, apresentado de surpresa, com pouco tempo de trabalho, assuma a tarefa de surpreender o leitor como um redator proficiente? Os resultados encontrados nas escolas e aferidos pelas bancas avaliadoras dos concursos vestibulares, absolutamente desanimadores, poderiam estar indicando tratar-se de uma tarefa impossível, não fosse a existência de boas dissertações breves a provar que bons resultados podem ser alcançados nos limites propostos pelo gênero.

Não resta dúvida de que as condições de produção do gênero dissertação breve impõem dificuldades consideráveis ao redator, principalmente para aquele menos experiente. Mas o que esperar do bom texto dissertativo breve então? O que dizer ao aluno quanto às expectativas que nutre seu examinador? Essas não são, evidentemente, perguntas fáceis. Para respondê-las, é preciso descobrir, para além do que podem parecer limitações do gênero, quais são as suas virtudes, o que a dissertação breve pode oferecer com excelência.

Já disse que a dissertação breve carece de profundidade argumentativa, o que parece um problema para um gênero dissertativo, uma vez que está centrado na argumentação. Também disse que o redator da dissertação breve tem como tarefa fundamental impressionar seu examinador como um redator proficiente. Ora, como, em um texto dissertativo, causar boa impressão não tendo o espaço suficiente para desenvolver argumentos com profundidade? Eis a pedra de toque da dissertação breve: embora não se caracterize por apresentar profundidade argumentativa, deve apresentar densidade argumentativa.

Um texto não precisa ser extenso para ser denso. Para comprová-lo, basta ler, por exemplo, uma apresentação de uma exposição de artes plásticas. Muitas delas, redigidas em dois ou três parágrafos, condensam

conteúdos de forma impressionante. É exatamente isso que se espera em uma dissertação breve: um arranjo organizado de conteúdos que, mesmo no curto espaço disponível, seja capaz de produzir uma quantidade impressionante de implicações. O bom “dissertador” é aquele que, no curto espaço de algumas linhas, adensa de tal forma sua argumentação que só pode ser visto pelo seu leitor como alguém que, se tivesse mais espaço, seria capaz de desenvolver com propriedade e profundidade o tema proposto. Nesse sentido, a dissertação breve tem um caráter metadiscursivo: seu redator não escreve apenas com o objetivo de convencer o leitor sobre o acerto do seu ponto de vista, escreve também para convencer de suas próprias qualidades como redator.

Em uma análise pragmática, pode-se dizer que há, na dissertação breve, uma alta expectativa de relevância. Relevância é aqui entendida em sua dimensão teórica, mais especificamente, no quadro da Teoria da Relevância (Sperber & Wilson, 2001). Na perspectiva da TR, qualquer enunciado carrega consigo uma *presunção de relevância ótima*, ou seja, interlocutores nutrem a expectativa de que os enunciados proferidos em uma troca conversacional produzam implicações que mereçam ser processadas por produzirem conteúdos adicionais a um custo de processamento aceitável. Segundo o princípio de relevância, então, há dois parâmetros a partir dos quais se pode considerar a relevância de um enunciado: as implicações contextuais produzidas por um estímulo e o custo de processamento desse estímulo.

No quadro da TR, um enunciado pode ser relevante sem ser o mais relevante no que diz respeito às implicações contextuais que produz. Nesse sentido, o falante pode escolher se informa mais ou menos a seu interlocutor. Uma vez escolhida a quantidade de informação a ser gerada por um enunciado, no entanto, espera-se do falante a utilização de um estímulo que represente o menor custo de processamento. Percebe-se, então, que, para a TR, um enunciado pode ser relevante mesmo se houver outro mais informativo. É o que se observa na *presunção de relevância ótima*, apresentada a seguir.

Presunção de relevância ótima

(a) O conjunto de suposições {I} que a pessoa que comunica tenciona tornar manifesto ao destinatário é **suficientemente**<sup>2</sup> relevante para valer a pena ao destinatário processar o estímulo ostensivo.

(b) O estímulo ostensivo é o mais relevante que a pessoa que comunica podia ter utilizado para comunicar {I}.

Note-se, na condição (a) do princípio, a palavra *suficientemente*. É ela que expressa o fato de que cabe ao falante a escolha da quantidade de informação que pretende fazer circular, desde que atenda de modo suficiente expectativas mínimas do interlocutor.

A presunção de relevância ótima parece capaz de explicar de modo adequado o processo inferencial subjacente à comunicação verbal humana. Considere-se, por exemplo, o enunciado do falante A no diálogo a seguir e as três possíveis respostas do falante B.

(1) A: Alguém molhou as plantas?

B: Eu molhei.

B': Choveu a tarde inteira.

B'': Não foi preciso regar, porque choveu a tarde inteira.

As respostas em B e B', do ponto de vista do conteúdo são equivalentes em termos de quantidade de informação. Em B, o falante informa ter sido o responsável por regar as plantas; em B', o falante atribui o mesmo resultado à ocorrência de chuva. No que diz respeito ao processamento, B' é um enunciado mais custoso, porque exige um passo inferencial a mais do que em B. Esse custo adicional justifica-se por ser necessário informar a A sobre o fato de as plantas estarem molhadas. Em B'', no entanto, obtém-se a mesma informação presente em B'. Ao esforço adicional de B'' em relação a B', segundo a TR, deve corresponder um acréscimo de conteúdo implicitado. De fato, a resposta em B'' parece mais polida e sugere, pelo menos, maior respeito

---

<sup>2</sup> Grifo meu.

do falante em relação ao interlocutor. Espera-se que a resposta em B”, por exemplo, seja dada por um funcionário ao seu chefe.

É importante notar ainda que o conteúdo da sentença “Choveu a tarde inteira”, isoladamente, não é capaz de comunicar o fato de que as plantas estão molhadas. É a adjacência desse enunciado à pergunta que o precede no discurso que permite fazer as inferências apropriadas. Na perspectiva da TR, o enunciado proferido por B’ produz implicações contextuais (neste caso, a de que as plantas estão molhadas) em função de interagir com outros conteúdos mutuamente manifestos aos interlocutores na troca conversacional. Essas implicações são o que aparece na condição (a) da presunção de relevância ótima como “o conjunto de suposições {I} que a pessoa que comunica tenciona tornar manifesto ao destinatário”.

Por hipótese, a presunção de relevância ótima deve aplicar-se a qualquer forma de interação verbal. A coerência<sup>3</sup> de um texto escrito, por exemplo, pode ser vista como um produto da presunção de relevância. Cada frase funciona como um contexto para as demais. Um texto coerente, nessa perspectiva, é aquele em que cada enunciado produz efeitos contextuais que tomem como contexto os enunciados previamente proferidos, além de uma série de conteúdos a eles relacionados. Sendo assim, a presunção de relevância fica satisfeita na medida em que o custo de processamento fica reduzido pelo arranjo dos enunciados no texto e os efeitos contextuais ficam garantidos pela interação produtiva de seus conteúdos.

Muitas vezes, no entanto, um texto é considerado mal redigido. Nesses casos, parte dos problemas pode estar relacionado ao fato de que a expectativa de relevância não esteja sendo plenamente satisfeita. Parece mesmo que a competência para redigir textos de qualidade resulta de muito treino e adaptação às condições de produção características de cada gênero particular. A existência de diferenças de competência pragmática encontradas em uma mesma pessoa, dependendo da modalidade discursiva em que se

---

<sup>3</sup> Blass (1990) faz críticas ao conceito de coerência na perspectiva da Teoria da Relevância. Neste artigo, a expressão é utilizada apenas como uma forma de estabelecer uma equivalência aproximada a uma idéia bastante difundida na literatura linguística.

empenha, é um tema rico, que vai além das pretensões deste trabalho. Sabe-se, no entanto, que o texto escrito costuma oferecer maior dificuldade.

No caso da *dissertação breve*, a dificuldade de produzir um texto satisfatório do ponto de vista da relevância aumenta em grande medida. Esse aumento da dificuldade decorre fundamentalmente da expectativa de densidade argumentativa depositada no redator de textos desse gênero. Dadas as suas características, já discutidas anteriormente, proponho que o redator de uma *dissertação breve* deva satisfazer a um requisito ainda mais severo que aquele exposto na condição (a) da *presunção de relevância ótima*. Proponho que, para o redator da *dissertação breve*, exista uma *presunção de relevância máxima*, nos seguintes termos.

#### Presunção de relevância máxima

(a) O conjunto de suposições {I} que a pessoa que comunica tenciona tornar manifesto ao destinatário é **maximamente** relevante para valer a pena ao destinatário processar o estímulo ostensivo.

(b) O estímulo ostensivo é o mais relevante que a pessoa que comunica podia ter utilizado para comunicar {I}.

A única diferença entre os dois princípios reside na palavra em destaque. Enquanto a *presunção de relevância ótima* exige que o enunciador torne manifesto um conjunto de suposições suficientemente relevante, a *presunção de relevância máxima* – aplicável à situação de produção da *dissertação breve* – exige que o enunciador torne manifesto um conjunto de suposições maximamente relevante. Ou seja, na redação de uma *dissertação breve*, espera-se a produção de um conjunto bastante robusto de implicações no pequeno espaço em que cabem no máximo cinco ou seis parágrafos de tamanho regular.

A Teoria da Relevância permite compreender de que modo o sentido de um enunciado vai muito além do significado semântico da sentença proferida. O sentido de um enunciado resulta do cálculo pragmático em busca de

implicações capazes de estender de modo satisfatório os conteúdos semanticamente expressos a um custo cognitivo aceitável. A coerência que se espera em qualquer modalidade discursiva – oral ou escrita – resulta, nessa perspectiva, de um arranjo relevante de conteúdos, capaz de maximizar implicações. A quantidade de implicações, no entanto, pode variar. Em uma conversa informal, falantes podem optar por produzir um conjunto baixo de implicações. O caso da dissertação breve é o oposto, motivando mesmo uma nova presunção de relevância, o que é compreensível por tratar-se de um gênero escolar avaliativo.

Há, portanto, uma diferença de fundo bastante significativa entre as expectativas em relação a textos escritos de um modo geral e em relação à *dissertação breve*. E talvez justamente essa diferença seja mal compreendida pelos professores de língua materna de um modo geral. Daí sua dificuldade em orientar os alunos, tornando mais explícitas suas exigências como avaliadores, e até mesmo em propor dinâmicas de aprendizagem capazes de conduzir o aluno a resultados gradativamente melhores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os tantos problemas diante dos quais um professor pode deparar-se na leitura de uma dissertação breve, aqueles relacionados à forma como os conteúdos estão encadeados costumam ser difíceis de descrever. Quando um aluno indaga ao professor sobre os motivos de uma nota baixa em uma redação com poucos erros de gramática, costuma receber explicações vagas, alegando falta de coerência, desorganização no plano das idéias, etc. Embora esses sejam os problemas mais significativos a atacar, o professor, na maioria das vezes, parece carecer de uma compreensão mais substancial de alguns pontos essenciais no ensino de redação de texto dissertativo: a) o modo como se constitui a coerência do texto (a partir de algum referencial teórico robusto, como, por exemplo, a TR); b) as peculiaridades da dissertação breve no que diz respeito às suas condições de produção e; c) quanto à sua constituição formal.

Este artigo procurou mostrar como as peculiaridades relativas às condições de produção da dissertação breve estão relacionadas a suas características formais discursivas. O objetivo foi o de fazer uma reflexão organizada, a partir de um referencial teórico consistente, a Teoria da Relevância, sobre o ensino de um dos gêneros mais valorizados ao longo da via escolar do aluno. Além do exposto, mais poderia ser dito sobre a contribuição da Teoria da Relevância no que se refere à classificação e compreensão de problemas tipicamente encontrados em dissertações breves, como o que se observa em Goldnadel e Janostiac (2010). O fato é que a Pragmática Formal pode auxiliar na compreensão de questões práticas relacionadas ao ensino – principalmente o de redação –, colaborando para a reflexão do professor e, em última instância, para a melhoria da qualidade de ensino de língua materna.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULETE, C. iDicionário Aulete. Disponível em: [http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital). Acesso em 05/01/2010.
- BLASS, R. *Relevance relations in discourse: a study with special reference to Sissala*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- FRANCO, K. R. *Redação de vestibular: gênero textual em foco*. Universidade Federal do Espírito Santo, 2005. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/64.pdf>. Acesso em 20 dez. 2011
- GOLDNADEL, M.; JANOSTIAC, I. O desenvolvimento do tema na dissertação breve: uma perspectiva pragmática. In: ABREU, S. *Reflexões linguísticas e redação no vestibular*. Porto Alegre: Editora UFRGS, p. 155-191, 2010.
- GUARIGLIA, R. Os gêneros do discurso dissertativo escolar: consensual e polemizado. *Estudos Linguísticos* XXXIII, p. 1079-1084, 2004.
- HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PAVANI, Cinara F.; KÖCHE, Vanilda S.; BOFF, Odete M. B. Redação de vestibular: gênero heterogêneo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Ano 4, n. 6, março de 2006. [[www.revelhp.cjb.net](http://www.revelhp.cjb.net)].

TRAVAGLIA, L. C. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. *Alfa*, São Paulo, 51 (1): p. 39-79, 2007.